

## ASPECTOS GEOLÓGICOS E GEOMORFOLÓGICOS DA REGIÃO KIMBERLÍTICA DE QUIBALA-MUSSENDE, PROVÍNCIA KWANZA SUL, REGIÃO CENTRO-OESTE DE ANGOLA

Silva, B.V.<sup>1</sup>; Vunda, T.M.<sup>2</sup>; Hackspacher, P.C.<sup>3</sup>; Gonçalves, A.O.<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Pós-graduação em Geociências e Meio Ambiente, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, Brasil; <sup>2</sup>Sociedade Mineira de Catoca, Luanda, Angola; <sup>3</sup>Departamento de Petrologia e Metalogenia, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, Brasil; <sup>4</sup>Instituto de Ciências da Terra, Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola

**RESUMO:** Neste trabalho são apresentados os resultados da etapa de campo realizada na região entre as cidades de Quibala e Mussende, localizada na Província Kwanza Sul, região centro-oeste de Angola. A região é parte integrante da província kimberlítica do Kwanza-Sul e possui grande potencial para diamantes, entretanto, ainda carece de estudos geocientíficos diversos. Próximos à superfície, os *pipes* kimberlíticos configuram intrusões semi-circulares, de tamanhos que variam entre 1 e 120 hectares (até 1,5 km de diâmetro) e encontram-se alojados em gnaisses e granitóides arqueanos à paleoproterozóicos do Cráton do Congo, mais precisamente na porção norte do Bloco Angolano. A maior parte das chaminés preservam texturas típicas de fácies cratera, reconhecidas tanto em testemunhos de sondagem quanto em campo. As rochas epiclásticas são representadas por alternância de níveis conglomeráticos, arenosos e silto-argilosos, oriundos do retrabalhamento de tufos kimberlíticos e rochas do embasamento. Por vezes, estas rochas exibem acamamento ou laminações plano-paralelas onde é comum a presença de troncos vegetais. Ocasionalmente, também ocorrem estruturas sedimentares semelhantes à *flaser* e *debris flow*, dobras semelhantes à *slumps* e intervalos brechóides definidos pela presença de clastos centimétricos e angulosos, xenolíticos (embasamento, sedimentos) à autolíticos (material kimberlítico, sedimentos). As rochas piroclásticas à vulcanoclásticas são representadas por tufos, constituídos predominantemente por macrocristais de olivina serpentinizada (pseudomorfos), granadas, espinélios, cromitas e ilmenitas, imersos em matriz fina, cinza-esverdeada, constituída predominantemente por serpentina e carbonatos. Os tufos também apresentam intervalos acamadados e brechóides, este último marcado pela presença de clastos centimétricos e angulosos de xenólitos e autólitos, cimentados pela matriz tufácea. Nos testemunhos de sondagem, ainda são reconhecidos xenólitos mantélicos com macrocristais de olivina, piroxênio, espinélio e granada relativamente bem preservados. Em alguns locais na região, como por exemplo, ao longo da bacia hidrográfica do Rio Gango, sedimentos cenozóicos recobrem discordantemente alguns *pipes* e o embasamento circunvizinho. As rochas da região ainda são afetadas por uma superfície de aplainamento regional, a qual configura o topo de platôs de aproximadamente 1600 m de altitude e é marcada pelo desenvolvimento de espesso solo laterítico (até > 5 m). Alguns *pipes* afloram nas bordas destes platôs, abaixo do nível laterítico, sugerindo que, de alguma forma, o evento térmico (ou eventos) associado à formação dos kimberlitos pode também estar associado à formação do relevo na região.

**PALAVRAS-CHAVE:** KIMBERLITO, ÁFRICA, CRÁTON DO CONGO